



Stella Cândido é Arquiteta e Urbanista e Mestre em Arquitetura e Urbanismo. É pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais. Sua experiência concentra-se no projeto arquitetônico, com ênfase em edificações institucionais. Atualmente, trabalha como arquiteta na UFMG e desenvolve pesquisa sobre a influência da burocracia profissional nos espaços físicos universitários.

Como citar esse texto: CÂNDIDO, S. O. Rumo à abstração: reflexões sobre a crise universitária. **VIRUS**, São Carlos, n. 19, 2019. [online] Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus19/?sec=4&item=10&lang=pt>. Acesso em: 13 Dez. 2019.

ARTIGO SUBMETIDO EM 18 DE AGOSTO DE 2019

Resumo

Universidades atingiram seu apogeu no século XIX, vivenciando hoje uma paradoxal crise sobre sua adequação e aptidão às demandas contemporâneas. Utilizando-se do conceito de "imagem técnica" de Vilém Flusser, este artigo relaciona-se ao tema "a construção da informação" ao analisar o papel das imagens – tradicionais e técnicas – na evolução informacional da sociedade e, conseqüentemente, da universidade. O objetivo deste artigo é traçar um paralelo entre a evolução social e universitária, buscando elaborar hipóteses sobre a atual crise, que permitam embasar investigações e ações futuras. Pelo método dialético, realizou-se pesquisa bibliográfica e análise crítica referente às diferentes fases da evolução universitária e aos conceitos explorados por Flusser, verificando suas mútuas interferências. Esta análise revela que a sociedade telemática é baseada na ruptura de preceitos universitários fundamentais, colocando em xeque a aptidão destas instituições. Para adaptar-se ao novo contexto, as universidades precisarão rever desde estruturas administrativas e físicas à própria lógica científica. Neste processo, a tradição e o conservadorismo universitários são seu maior trunfo e maior vício: a universidade precisa se comportar como "ameba" em ambiente hostil e não como "dinossauro".

Palavras-chave: Universidade, Sociedade, Flusser, Imagem técnica

1 Introdução

Universidades estabeleceram-se ao longo de séculos de existência e constante evolução. Paradoxalmente, sua consagração nos séculos XIX e XX foi substituída por uma crise generalizada na confiança de sua adequação e aptidão aos tempos contemporâneos. Seria o princípio do fim de uma instituição obsoleta ou seria apenas uma etapa de sua evolução natural?

Para Buarque (2014), a atual crise universitária existiria em decorrência de alguns fatores, dentre os quais: impossibilidade de absorção da mão de obra especializada pelo mercado de trabalho; departamentalização persistente numa sociedade com demandas interdisciplinares; escassez de recursos financeiros; e “uma forte crise de identidade da própria instituição universitária” (BUARQUE, 2014, p. 137):

[...] a crise não pode ter a desculpa de fatores externos; quando na raiz da crise institucional está a própria crise da razão, com o mundo real rebelando-se contra a racionalidade que a universidade insiste em divulgar, entra em dúvida a própria razão do papel universitário. (BUARQUE, 2014, p. 46)

Mota afirma existir uma crise de “passividade” na educação superior, concluindo que “O mundo extra-educação tem se alterado com rapidez e profundidade absurdas, enquanto as metodologias educacionais adotadas têm se mantido essencialmente as mesmas.” (MOTA, 2013, p. 12). Kerr (2005) corrobora, ressaltando seu paradoxal conservadorismo típico:

Poucas instituições são tão conservadoras como as universidades sobre seus próprios assuntos, embora os seus membros sejam liberais sobre os assuntos de outros e às vezes o membro do corpo docente é o mais liberal em um contexto e o mais conservador em outro. (KERR, 2005, p. 100)

A crise universitária tende a confundir-se com uma crise da própria sociedade, por estarem intimamente vinculadas, em relação dialética: a sociedade evoluiu e criou universidades que, por sua vez, passaram a evoluir a sociedade. Assim, os fatores desta crise podem ser vistos como reflexo da própria sociedade contemporânea: o inchamento da força de trabalho seria reflexo do esgotamento do sistema produtivo; a departamentalização seria um resquício da lógica cartesiana; a demanda por recursos financeiros, sintoma de um sistema que demanda autonomia sem ser autossustentável. Finalmente, a crise da razão, associada a uma passividade conservadora, indicaria a própria crise humana.

Para Vilém Flusser, a fonte desta crise social estaria na emergência de uma revolução cultural, produzida e produtora de uma sociedade da informação, telemática, baseada em imagens produzidas por aparelhos – “imagem técnica” (FLUSSER, 2011a).

Utilizando-se de conceitos flusserianos, este artigo relaciona-se ao tema “a construção da informação” por explorar como a imagem – em especial, a técnica – contribuiu para a construção da sociedade telemática atual, traçando um paralelo entre a evolução das universidades e da própria sociedade, de forma a elaborar hipóteses sobre a crise universitária que permitam embasar investigações e ações futuras. Espera-se, assim, contribuir para a solução da crise estabelecida.

2 Metodologia

Pelo método dialético, propõe-se realizar pesquisa teórico-exploratória. Gil (2019) defende que o método dialético é “um método de interpretação da realidade”, baseado em três princípios básicos: unidade dos opostos; quantidade e qualidade; e negação da negação (GIL, 2019, p. 14). A *unidade dos opostos* propõe que qualquer objeto ou fenômeno apresenta contradições intrínsecas e indissolúveis, que conduzem ao desenvolvimento por meio de luta constante. Neste processo, pequenas mudanças *quantitativas* levariam a mudanças *qualitativas*, em saltos evolutivos. A evolução social ocorreria, então, por uma *negação* da situação atual, levando, no entanto, a situação nova, não a um retorno à anterior. Para o autor, “A dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc.” (GIL, 2019, p. 14).

Conforme Gil (2019), o método dialético relaciona-se ao materialismo histórico de Marx e Engels, definido como uma doutrina na qual as forças produtivas influenciam os fundamentos sociais (AUDI, 2006).

Justifica-se a adoção deste método, por considerar-se a própria imagem técnica um fruto dos meios de produção. Ademais, a relação dialética está presente na obra de Flusser, ao indicar que a sociedade que produziu as imagens técnicas é agora produzida por elas, em jogo absurdo. Adicionalmente, Flusser deixa implícita em sua obra a tese do materialismo histórico:

Sempre se supôs que os instrumentos são modelos de pensamento. O homem os inventa, tendo por modelo seu próprio corpo. Esquece-se depois do modelo, “aliena-se”, e vai tomar o instrumento como modelo do mundo, de si próprio e da sociedade. [...] O homem inventou as máquinas, tendo por modelo seu próprio

corpo, depois tomou as máquinas como modelo do mundo, de si próprio e da sociedade. *Mecanicismo*. No século XVIII, portanto, uma filosofia da máquina teria sido a crítica de toda ciência, toda política, toda psicologia, toda arte. Atualmente, uma filosofia da fotografia deve ser outro tanto. (FLUSSER, 2011a, p. 103-104)

Propõe-se realizar pesquisa bibliográfica e análise crítica referente às diferentes fases da evolução universitária e aos conceitos explorados por Flusser, verificando suas mútuas interferências. O principal conceito que será investigado neste sentido será o de "imagem técnica".

3 Desenvolvimento

Flusser defende uma evolução rumo à abstração que se inicia com as imagens tradicionais, evolui para o texto e culmina nas imagens técnicas.

O primeiro nível de abstração, presente nas imagens tradicionais, abstrairia volumes em superfícies, em bidimensionalidade; com a invenção da escrita, as imagens tradicionais seriam traduzidas em textos, descritos em linhas – abstração de segundo nível, rumo à unidimensionalidade; o terceiro nível de abstração seria identificado nas imagens técnicas, formadas por pontos (*pixels*), rumo à zero-dimensionalidade (FLUSSER, 2010).

Vistas como evolução da própria sociedade, as imagens tradicionais seriam associadas ao período da vivência mágica, religiosa (Pré-História); a invenção da escrita (História) levaria à lógica, à racionalidade e à ciência que, por fim, permitiria o desenvolvimento de aparelhos que produziram as imagens técnicas (Pós-História) (FLUSSER, 2011a).

Tal evolução afetaria a própria forma de pensar da sociedade, permitindo associar as imagens tradicionais (pré-históricas) ao pensamento finalístico, o texto (histórico) ao pensamento causalístico, e as imagens técnicas (pós-históricas) ao pensamento programático (FLUSSER, 2011b). Em última análise, torna-se então possível associar imagens tradicionais ao comportamento religioso, o texto ao comportamento científico e as imagens técnicas ao comportamento cibernético. Na sociedade fruto de tais contextos, criam-se, respectivamente, as religiões, as universidades e a telemática.

Flusser apresenta ainda uma correlação desta evolução com o desenvolvimento de quatro tipos de discurso: o primeiro, o *discurso teatral*, seria caracterizado pelo conhecimento informal, familiar, passado diretamente de geração a geração, e poderia ser associado à primeira fase do período de Pré-História; com o desenvolvimento das religiões e o crescimento dos núcleos sociais, surgiria o segundo tipo, o *discurso piramidal*, autoritário, que repassa informações para serem repetidas, retransmitidas sem questionamentos; o desenvolvimento dos textos e, conseqüentemente da ciência, permitiria o surgimento do terceiro tipo, o *discurso em árvore*, especializado, científico, no qual grupos discutem assuntos intimamente relacionados a seus conhecimentos próprios, tornando-se ininteligíveis a estranhos ao grupo; em reação ao discurso em árvore, surgiria então o quarto tipo, o *discurso anfiteatral*, que traduziria o discurso em árvore (especializado) para a cultura de massa, possível graças às tecnologias de comunicação desenvolvidas a partir do século XIX (FLUSSER, 2011a, 2011b).

A seguir, será discutido como tais contextos socioculturais interferiram nas universidades, dialeticamente.

3.1 Período pré-universitário

No século XII, as corporações de ofício eram locais onde mestres e aprendizes se reuniam para transmitir conhecimento e buscar autonomia dos poderes religioso e civil (BUFFA; PINTO, 2016); os ensinamentos eram feitos em locais improvisados, em salas alugadas ou nas residências dos mestres, e o mobiliário era composto essencialmente por bancos dispostos de forma a facilitar o diálogo (PINTO; BUFFA, 2009).

Esta descrição remete ao *discurso teatral*: o mestre encontrava-se em posição de responsabilidade perante seus aprendizes, porém o clima geral era de diálogo, semelhantemente à prática de Platão na Academia.

A convivência entre mestres e alunos no mesmo espaço lançou as regras dos primeiros colégios medievais, porém, como se tratavam de espaços improvisados, persistia a necessidade de ambientes mais adequados a determinadas atividades, como exames e solenidades.

Neste período dominado pelas imagens tradicionais e seu pensamento finalístico, igrejas e conventos mantinham-se como referências absolutas, sendo incorporadas às solenidades das próprias corporações que buscavam autonomia.

Sobre o termo "escola", Flusser escreve:

Seu nome, "chole", significa "lazer". O oposto, "ascholia" (ausência de lazer), significa "negócio" (negação de ócio). Tal desprezo da vida ativa e valorização da vida contemplativa caracteriza a escola. É ela o lugar da contemplação das ideias imutáveis, lugar da *teoria*. (FLUSSER, 2011b, p. 163)

Interessante notar que as escolas que surgiram a partir de corporações de ofício, ou seja, da "negação de ócio", tenham caminhado justamente para a elaboração teórica do pensamento. As primeiras universidades buscavam produzir cidadãos completos, com formação humanística, que os preparasse para profissões liberais consagradas posteriormente, mas que também formasse as classes de intelectuais e dirigentes da sociedade. Pinto e Buffa (2009) afirmam que a formação de dirigentes culminou na aristocratização das universidades:

[...] traço significativo dessa aristocratização foi o gosto pelo luxo e pela ostentação no vestuário, nas cerimônias universitárias, nos divertimentos dispendiosos e, naquilo que nos interessa mais de perto, nos prédios das universidades e, conseqüentemente, nas atividades pedagógicas. (PINTO; BUFFA, 2009, p. 29)

Esta mudança marca definitivamente o surgimento das universidades propriamente ditas, no século XIII.

3.2 Nascimento universitário

Enquanto sua origem foi marcada pela improvisação espacial e pela presença da religião, a mudança de perfil provocada pela aristocratização deu início a uma série de mudanças na forma de produção espacial universitária. Essencialmente, duas grandes mudanças ocorreram: foram construídos prédios específicos para os fins universitários e houve o distanciamento final da religião e da ciência, traduzido espacialmente na ênfase que as bibliotecas passaram a receber.

No século XV, foram construídos edifícios localizados na malha urbana, com funções específicas para o ensino superior, "inaugurando uma nova categoria de prédios urbanos" (BUFFA; PINTO, 2016, p. 814). Tais edifícios eram parte integrante das cidades; sua separação limitava-se à projeção do próprio edifício, sem maior distanciamento da vida urbana (*idem*).

Embora inseridas nas cidades e na sociedade em geral, a aristocratização das universidades já era notável no estilo dos edifícios produzidos: ambientes majestosos, com inspiração clássica e dimensões relativamente grandiosas, marcavam uma mudança no perfil das instituições de ensino e de seus integrantes. Pinto e Buffa afirmam que esta aristocratização transformou o ensino em uma "cerimônia", alterando as relações pedagógicas: "A elegância do estilo e a perfeição formal tornaram-se forte preocupação dos professores do século XV, diferentemente dos escolásticos do século XIII, para quem a sofisticação do estilo poderia deformar as ideias." (PINTO; BUFFA, 2009, p. 30).

Interessante notar que as instituições de ensino que buscavam afastar-se do comportamento religioso, passaram a comportar-se semelhantemente: cria-se uma relação de autoridade (mestre) perante discípulos (alunos), elege-se um local de reverência (bibliotecas) e estabelece-se uma doutrinação, diferente em conteúdo, mas próxima em formato.

Embora as universidades buscassem afastar-se da religião, sua completa negação é impossível: apresenta-se aqui o princípio da "negação da negação", de acordo com o método dialético (GIL, 2019, p.14). E, assim como as religiões favoreceram o surgimento do discurso piramidal, a ênfase científica possibilitou o surgimento do discurso em árvore.

Para Flusser (2011b), o discurso piramidal favorecia a transmissão de conteúdo (discurso), porém evitava a produção de informação nova (diálogo); o Renascimento propiciou uma mudança comportamental que permitiu o surgimento do *discurso em árvore*, favorecendo o diálogo, a produção de conhecimentos. Entretanto, não se trata de um retorno ao diálogo do discurso teatral: embora as especialidades (ramos) tenham permitido a produção abundante de informação, os "círculos dialógicos" elaboraram linguagem específica, codificada e decifrável apenas por seus participantes (especialistas), o que excluiu os leigos do diálogo e "[...] 'resacerdotizou' e 'reautorizou' o discurso." (FLUSSER, 2011b, p. 76).

Há, portanto, no discurso em árvore uma combinação da qualidade dialógica do discurso teatral com a autoridade do discurso piramidal.

Retornando à tendência à abstração, o Renascimento, assim como o surgimento das universidades, o consequente discurso em árvore e até mesmo a invenção da imprensa, foram possíveis devido à valorização do texto perante as imagens tradicionais; tratava-se da valorização da racionalidade, do pensamento causalístico e da consciência histórica. Flusser escreve que a invenção da imprensa, aliada à escola obrigatória, generalizou a consciência histórica:

Tal conscientização se deu graças a textos baratos: livros, jornais, panfletos. [...] O pensamento conceitual barato venceu o pensamento *mágico-imaginístico* com dois efeitos inesperados. De um lado, as imagens se protegiam dos textos baratos, refugiando-se em *ghettos* chamados "museus" e "exposições", deixando de influir na vida cotidiana. De outro lado, surgiam textos herméticos (sobretudo os científicos), inacessíveis ao pensamento conceitual barato, a fim de se salvarem da inflação textual galopante. (FLUSSER, 2011a, p. 34)

Destarte, os textos que surgiram para descrever os símbolos das imagens tradicionais, alinhados e em linhas, tornaram-se cada vez mais conceituais, abstratos e herméticos. No limite, os textos puramente conceituais impossibilitam sua re-imaginação: traíndo sua função inicial, os textos passam a seguir uma lógica própria, a da linearidade do discurso (FLUSSER, 2011b).

As universidades, fruto desta valorização textual, passam, então, a ser influenciadas pela nova lógica.

3.3 Consolidação universitária

A primeira grande mudança no conceito universitário foi sua localização: inicialmente com Oxford e Cambridge sendo instaladas contíguas aos limites de seus territórios urbanos, esta mudança foi acentuada na experiência norte-americana, ao implantar grandes territórios afastados dos centros urbanos, o *campus* universitário.

O *campus* é a tradução da lógica científica conceitual e hermética: um espaço totalmente planejado, racional, projetado para conter as atividades universitárias, delimitado e afastado do restante da sociedade; uma pequena cidade ditada pela lógica e dotada de quaisquer facilidades urbanas necessárias. O ideal universitário fechava-se em si mesmo, propondo formar cidadãos completos que, ironicamente, viviam apartados da sociedade.

A partir do século XIX, a universidade se vê autorizada a estipular as próprias regras; esta autonomia advém da relevância adquirida com a Revolução Industrial. Com a mudança no modo produtivo, a universidade adquire papel fundamental na pesquisa técnico-científica, passando a fornecer métodos e mão de obra; o enfoque muda da formação humanística de dirigentes e cidadãos "completos" para o fornecimento de profissionais liberais que pudessem conduzir e evoluir os novos meios produtivos:

Doravante a sociedade não mais vivia para a sabedoria (a contemplação, a prece), mas para a realização (industrial) de obras. Pois tal escola desvirtuada passou, durante a Idade Moderna, a ser o lugar da elaboração da ciência e da técnica, e funcionava em prol da indústria, isto é, em prol dos donos das máquinas e das decisões políticas. (FLUSSER, 2011b, p. 164-165)

Surgem, então, novas profissões e demandas de mercado que são prontamente atendidas pelo meio universitário: os "ramos" das árvores se subdividem com avidez, produzindo mais especialidades. A linearidade do discurso textual, a racionalidade matemática e a lógica cartesiana são os pilares da consolidação universitária.

Em 1809, Wilhelm von Humboldt propõe uma mudança definitiva para o modelo universitário, criando o departamento e o instituto. Kerr considera esta mudança como o "renascimento da universidade" (KERR, 2005, p. 21); o modelo alemão influenciou as universidades norte-americanas ainda no século XIX e chegou mesmo a determinar princípios da Reforma Universitária de 1968 no Brasil, quase dois séculos depois.

Houve reflexo também na distribuição espacial dos *campi*, com centros e institutos implantados separadamente uns dos outros, com grandes afastamentos das vias planejadas. A racionalidade é expressa nos edifícios modulados, com programas bem definidos, que separam funções como salas de aula, laboratórios e gabinetes, com posterior influência modernista – Pinto e Buffa chegam a classificar este modelo como "máquina de estudar e pesquisar", numa referência à "máquina de morar" de Le Corbusier (PINTO; BUFFA, 2009, p. 111).

Flusser complementa:

O último estágio da Idade Moderna foi marcado pela tendência ao gigantismo. Tudo, máquinas e impérios, recordes esportivos e conhecimentos científicos, reivindicações pessoais e satisfação dessas reivindicações, se expandiu de modo colossal. Mas uma visão retrospectiva nos permite constatar nessa tendência uma reação à tendência oposta rumo ao encolhimento, a qual começava a se articular. No último estágio da modernidade, no início do século XX, o ínfimo, o átomo e o cálculo começaram a fascinar pelas esperanças e pelos perigos que abrigam. Aparece a suspeita de que o "enorme" (o que não se enquadra nas medidas humanas) não é apenas o grande mas igualmente o pequeno, e que o núcleo do átomo talvez seja mais "enorme" do que as galáxias. (FLUSSER, 2010, p. 141-142)

A tendência ao encolhimento pode ser verificada também na pedagogia universitária: inicia-se com a Filosofia que abrigava todas as ciências; elaboram-se, então, as grandes áreas da ciência, cada uma com seus objetos específicos; finalmente, desenvolvem-se as especialidades, cada vez mais "encolhidas", mais específicas. O departamento é o átomo da universidade: nele está contido o maior dos menores conhecimentos e, assim como entre átomos que formam a matéria, existe um vazio entre departamentos.

Esta é a lógica da imagem técnica; o *pixel*, o *bit*, o átomo, o departamento: o elemento mínimo que compõe o todo. Flusser (2011a) aponta que:

Segundo o modelo cartesiano, o pensamento é um colar de pérolas claras e distintas. Tais pérolas são os conceitos e pensar é permutar conceitos segundo as regras do fio. Pensar é manipular um ábaco de conceitos. Todo conceito claro e distinto significa um ponto [...]. Na coisa pensante, há intervalos entre os conceitos claros e distintos. A maioria dos pontos escapa por tais intervalos. (FLUSSER, 2011a, p. 89-90)

A lógica quantitativa cartesiana, a abstração pontual ("zero-dimensionalidade") do elemento mínimo cercado de vazios, mostra-se inadequada à realidade, por permitir a perda da essência. Sobre isso, Flusser comenta:

Daí ter ciência de século 19 se visto diante dilema penoso: continuar quantificando, e destarte resignar-se com a perda do essencial no fenômeno da vida, ou elaborar outra teoria de conhecimento e resignar-se com a impossibilidade de quantificar o conhecimento. A ciência oitocentista contornou o dilema: dividiu-se em ciências "duras" (quantificantes), e ciências "moles" (inquantificáveis). Sofremos de tal indecisão até hoje. (FLUSSER, 2011b, p. 66)

Eis a gênese da crise universitária atual: a lógica que consolidou sua existência é inapta a explicar o que se propõe a decifrar. É a "crise da razão" expressa por Buarque (2014, p. 46).

Flusser aponta ainda para uma crise da cultura contemporânea baseada nas imagens técnicas: o autor afirma que, embora indispensáveis, as explicações científicas não são "interessantes"; a visão técnica expõe a superficialidade das imagens, tornando-as banais, indicando os vazios entre os pontos. Assim, a sociedade preferiria optar pela experiência do belo, e não pela experiência do real (FLUSSER, 2010). Como instituição que busca incessantemente pela verdade, a universidade ficaria, então, obsoleta.

3.4 Crise universitária

Atualmente, a universidade encontra-se vítima de seu próprio esplendor passado – construiu-se sobre uma fundação cartesiana, quantitativa e linear, que mostra sinais de esgotamento; e elaborou um discurso glorioso, porém hermético, que falha ao tentar comunicar-se em larga escala.

O discurso em árvore, embora não seja propriamente discursivo em sentido autoritário como o discurso piramidal, limita sua qualidade dialógica a uma elite inserida nos códigos de linguagem de cada ramo: "A crise atual da ciência deve ser, pois, vista no contexto da situação comunicológica da atualidade. Enquanto não houver espaço para a política, para *diálogos circulares* não elitários, a crise da ciência se apresenta insolúvel." (FLUSSER, 2011b, p. 79).

Neste sentido, produziu seu próprio declínio: ao colaborar com a invenção de tecnologias de comunicação em massa, permitiu o surgimento do quarto tipo de discurso, o discurso *anfiteatral*. Flusser explica que a função deste discurso é "traduzir as mensagens dos discursos em árvore para códigos socialmente decifráveis" (FLUSSER, 2011b, p. 76), utilizando aparelhos que transformam – "transcodam" – o discurso científico hermético em "códigos extremamente simples e pobres" (FLUSSER, 2011b, p. 76). Semelhantemente ao

barateamento dos textos que ocorreu com a invenção da imprensa, as tecnologias de comunicação em massa barateiam a informação; assim como a imprensa possibilitou o surgimento do "pensamento barato", as tecnologias de comunicação possibilitaram o surgimento da "cultura de massa" (FLUSSER, 2011b, p. 76).

Mudança fundamental é a forma de irradiação do discurso: "As árvores funcionam linearmente, os *media* multidimensionalmente. Se admitirmos que a linearidade é a estrutura da história, os *media* se apresentam como comunicação pós-histórica." (FLUSSER, 2011b, p. 77).

Percebe-se então, uma série de rupturas: da linearidade do pensamento, do discurso e da consciência histórica, em suma, a ruptura das bases universitárias. Flusser associa tal ruptura a um submarino:

Essa estrutura social, emergente, irrompe através das formas sociais precedentes, que se desintegram e, "acidentalmente", caem em todas as direções, como submarino que irrompe através da calota polar e faz com que o gelo se desintegre em blocos. Nós, os observadores, tendemos a prestar atenção nos estalos do gelo e nos blocos se desintegrando, em vez de nos concentrarmos no submarino emergente. Eis a razão por que tendemos a falar em "decadência" da sociedade, em vez de falarmos em "emergência" da sociedade. (FLUSSER, 2010, p. 68)

Transferindo o foco para o submarino ao invés das rachaduras, o que se configura não é uma crise universitária, mas uma nova etapa evolutiva. Esta possibilidade é defendida pelo próprio Flusser, ao esclarecer: "A dificuldade da nossa imaginação é negativa. Não é tão difícil imaginar as coisas novas [...]. O difícil é imaginar o desaparecimento do tecido social no qual vivemos, a derradeira decomposição dos grupos aos quais pertencemos." (FLUSSER, 2010, p. 87).

Assim, uma instituição secular não desapareceria em poucas décadas. Kerr (2005) corrobora ao afirmar: "A mudança chega mais por meio da criação do novo do que pela reforma do velho." (KERR, 2005, p. 103). Neste ponto está o verdadeiro desafio: "O problema atual não se refere tanto ao fato da universidade não controlar totalmente a direção de seu próprio desenvolvimento, raramente o fez, mas a questão é que deve fazer ajustes essenciais, com frequência e rapidez, como uma ameba em um ambiente não amigável." (KERR, 2005, p. 107).

Portanto, se a tradição universitária contribui para sua manutenção na sociedade telemática emergente, pode ser também seu maior defeito: o conservadorismo tende a engessar a instituição em moldes defasados. Conforme Kerr:

George Beadle, reitor da Universidade de Chicago, uma vez deu a entender que a grande universidade americana (mas não a sua) pode ser como um dinossauro, o qual "se tornou extinto porque cresceu mais e mais e desta maneira sacrificou a flexibilidade evolucionária necessária para atender às condições que estão em constante mudança"; o seu corpo se tornou muito grande para o seu cérebro. (KERR, 2005, p. 119)

Flusser (2011b) considera o modelo de ensino baseado na Revolução Industrial como sendo presentemente supérfluo, inoperante e antifuncional: supérfluo, pois os aparelhos contemporâneos teriam ultrapassado a capacidade do ensino para programar a sociedade; inoperante, por manter uma estrutura industrial (histórica) num período pós-industrial (pós-histórico); e antifuncional por não corresponder ao novo formato de comunicação da sociedade (discurso *anfiteatral*).

A superfluidade do modelo industrial pode ser vista como uma libertação de atividades básicas, semelhantemente à que ocorreu com artesãos durante a Revolução Industrial: "[...] a escola do futuro não mais programará a sociedade para funções do pensamento mecânico, melhor executadas por instrumentos inteligentes, mas para funções do pensamento analítico e programador." (FLUSSER, 2011b, p. 167-168). Assim como a mudança do sistema artesanal para o industrial representou um salto produtivo, também agora seria possível um salto qualitativo na evolução da sociedade.

A inoperância do modelo industrial pode ser traduzida em sua divisão restrita em departamentos, numa sociedade que demanda interdisciplinaridade. Com o esgotamento da lógica linear, a separação em ramos, em especialidades confinadas em departamentos, limita o desenvolvimento intelectual. Os departamentos formam "[...] uma cadeia que aparentemente funciona bem dentro de cada um de seus universos, mas que dificulta o compromisso do conhecimento com os problemas reais, que são todos multidisciplinares; e com os novos conhecimentos ainda sem departamentos." (BUARQUE, 2014, p. 60).

A revisão da estrutura departamental terá consequências não apenas nas estruturas administrativas das universidades, mas também na estrutura física. Os *campi* projetados e construídos dentro da lógica departamental irão tornar-se passivos que demandarão grandes investimentos para adequar-se à realidade contemporânea.

Esta revisão espacial relaciona-se inclusive à antifuncionalidade do modelo industrial; a mudança fundamental na forma de comunicação contemporânea é resumida por Flusser:

A escola industrial exige do receptor da mensagem que se dirija rumo ao emissor da mensagem. Isto está em contradição com a estrutura comunicológica da atualidade. Atualmente as mensagens se dirigem rumo ao receptor, invadem o seu espaço privado. [...] A escola industrial é *ilha arcaica* no oceano das comunicações da massa. (FLUSSER, 2011b, p. 167)

O ensino à distância responde parcialmente à nova estrutura comunicológica, porém não propõe resposta à "ilha arcaica" edificada nos *campi*.

O modelo de *câmpus*, considerando-se não só a construção, mas também a manutenção e a ampliação é, sem dúvida, uma opção dispendiosa. Os *câmpus* exigem constante manutenção [...] e a falta de recursos para tanto torna nossos *câmpus* monótonos, pobres, feios, aonde a violência urbana chegou há um bom tempo. (BUFFA; PINTO, 2016, p. 828)

A opção por um modelo de alto custo, associada a demandas cada vez maiores por recursos financeiros, tende a dificultar a correta manutenção universitária. O resultado são espaços sucateados, reforçando a impressão de instituição em crise.

Entretanto, a eliminação completa deste passivo construído é improvável. Contrariando Flusser, que demonstra a possibilidade de que todo ser humano esteja ligado ao restante da sociedade virtualmente, via nova rede comunicológica – em "aldeia cósmica" no conceito de McLuhan (FLUSSER, 2010, p. 58) –, Kerr defende que a tecnologia de informação irá substituir a educação presencial apenas parcialmente: ao lidar com indivíduos com necessidades de aprendizagem diversas, o ensino impossibilita o uso amplo de "tratamento padronizado" (KERR, 2005, p. 267). O autor cita ainda dois pontos contrários à total substituição do ensino presencial: os laboratórios e a aprendizagem por experimentação (KERR, 2005).

Seja devido a uma impossibilidade pedagógica, seja pela dificuldade de extinguir o tecido social pré-existente, a tendência é que os *campi* universitários persistam no tempo. Porém, é inegável que sua estrutura seja revista para adequar-se ao contexto contemporâneo.

A ênfase da sociedade pós-industrial deslocou-se da posse, do objeto, para a informação, para o conhecimento – desloca-se do quantitativo para o qualitativo. Isto possibilita uma segunda tendência rumo ao "encolhimento": a expansão física promovida nas últimas décadas tende a estacionar-se, rumo à consolidação dos territórios universitários, baseando atividades de ensino e pesquisa não mais em crescimento, mas em revisão das estruturas existentes.

A expansão, com sua lógica cartesiana linear, precisará ser substituída por visão cibernética, circular, na qual evolui-se não em direção ao progresso, mas em retroalimentação do existente, em evolução constante.

4 Conclusão

Considerando as imagens como ponto de partida para a construção da informação, a sociedade e a universidade – produto social – caminham em direção à abstração. No primeiro nível de abstração, a sociedade produziu as imagens tradicionais, que influenciaram a idolatria religiosa. No segundo nível, as imagens tradicionais foram novamente abstraídas em textos lineares, que propiciaram o desenvolvimento da lógica matemática, da tradição cartesiana, que permeou o surgimento e levou à consolidação das universidades. No terceiro nível, o pensamento lógico matemático permitiu o desenvolvimento das imagens técnicas, produzidas por aparelhos, as quais produziram nova sociedade idólatra em contexto telemático.

A principal característica desta sociedade é a cultura de massa, possibilitada pelas tecnologias desenvolvidas a partir do século XIX. Fruto destas tecnologias, o discurso *anfiteatral* e a lógica programática colocam em xeque o papel das universidades, por expor a ineficiência de seu discurso hermético e por questionar a própria validade da lógica científica. A universidade se vê, portanto, frente a uma necessária quebra de paradigmas que vai determinar sua evolução ou obsolescência.

Flusser afirma: "O novo engajamento político, entretanto, não se dirige contra as imagens. Ele procura inverter a função das imagens, mas admite que elas continuarão a formar o centro da sociedade por todo o futuro previsível." (FLUSSER, 2010, p. 73). A proposta é focar não na "decadência" da sociedade anterior (rachaduras na calota polar), mas na "emergência" da sociedade atual (submarino) (FLUSSER, 2010, p. 73).

Atualmente, o conservadorismo universitário é seu maior trunfo e maior vício. Como instituição secular consagrada, tende a permanecer como peça fundamental da sociedade; entretanto, sua lentidão em processar mudanças pode implicar em sua extinção – precisa comportar-se como "ameba", não como "dinossauro" (KERR, 2005).

As mudanças necessárias demandam revisões fundamentais que afetarão não apenas estruturas administrativas e físicas, mas essencialmente a lógica científica e a pedagogia destas instituições. É necessário partir da visão causalística para a visão programática, do pensamento linear para o cibernético. Neste contexto, a universidade precisa rever seu papel como produtora de conhecimentos "departamentalizados" em uma sociedade que demanda interdisciplinaridade, assim como sua aptidão para produzir profissionais e cidadãos na velocidade da sociedade telemática – uma formação protocolar de 4 anos está fadada a produzir profissionais obsoletos na velocidade informacional.

Essencial também será rever a forma de transmissão das informações; na sociedade telemática, o receptor não se desloca até o emissor da mensagem, a mensagem é irradiada até o receptor.

O discurso *anfiteatral* é primordialmente discursivo, retransmitindo dados, sem favorecer o diálogo e a produção de novas informações; situação semelhante ocorria com o discurso *piramidal*. A universidade deve focar na sua capacidade dialógica, pois "A instalação atual dos fios dialógicos pela telemática evoca a situação medieval tardia: estamos nos 'catolicizando'." (FLUSSER, 2010, p. 90).

Este deve ser o papel da universidade, como sempre o foi. Caso a universidade falhe em adaptar-se ao novo contexto, mantendo sua função essencial, as imagens técnicas em sua abundância contemporânea levarão a sociedade a uma nova idolatria, um "retorno" a uma Idade Média tecnológica.

Referências

AUDI, R. **Dicionário de filosofia de Cambridge**. São Paulo: Paulus, 2006.

BUARQUE, C. **A universidade na encruzilhada**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BUFFA, E; PINTO, G. A. O território da universidade brasileira: o modelo de câmpus. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 67, p. 809–831, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v21n67/1413-2478-rbedu-21-67-0809.pdf>>. Acesso em: 15 Fev. 2018.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2011a.

FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2010.

FLUSSER, V. **Pós-História**: vinte instantâneos e um modo de usar. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2011b.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

KERR, C. **Os usos da Universidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

MOTA, R. Prefácio. In: COLOMBO, S. S. (Org.). **Gestão universitária: os caminhos para a excelência**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 11-14.

PINTO, G. A.; BUFFA, E. **Arquitetura e educação**: câmpus universitários brasileiros. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
